

Urdimento

REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Acervo Sábato Magaldi, muito além da memória

Elen de Medeiros
Ana Clara P. C. Marques

Para citar este artigo:

MEDEIROS, Elen de; MARQUES, Ana Clara P. C. Acervo Sábato Magaldi, muito além da memória. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 50, abr. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573101502024e0201

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)

Acervo Sábato Magaldi¹, muito além da memória²

Elen de Medeiros³

Ana Clara P. C. Marques⁴

Resumo


O crítico teatral mineiro Sábato Magaldi desenvolveu inúmeras funções ligadas ao teatro, contribuindo extensamente com o estudo, a crítica e a formação teatrais. Este artigo aborda o trabalho de tratamento, inventariação e pesquisa no Acervo Sábato Magaldi, custodiado pelo Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, e tem como objetivo discutir seus processos e suas bases metodológicas. Diante disso, visa a apresentar alguns resultados obtidos durante o processo de tratamento, descrição e inventariação de seu acervo, bem como aponta algumas reflexões acerca do impacto deste acervo para a historiografia teatral. Para tal, discute a definição de acervo pessoal e a necessidade da prática contextual para a descrição do arquivo.



Palavras-chave: Acervo pessoal. Sábato Magaldi. História do teatro. Memória.

¹ Revisão ortográfica e gramatical do artigo realizada por Alexandre Caroli Rocha. Graduação – Licenciatura e bacharelado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestrado em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Doutorado em Teoria e História Literária pela UNICAMP.

 <http://lattes.cnpq.br/1023198477094559>

² Artigo resultante da pesquisa “Acervo Sábato Magaldi: tratamento, inventariação e figurações do crítico”, desenvolvida a partir de 2018, na Faculdade de Letras da UFMG, com apoio do CNPq (Edital Demanda Universal 28/2018) e da Fapemig (Edital Demanda Universal 01/2018).

³ Pós-doutorado na Université Sorbonne Nouvelle – Paris3/ França. Pós-doutorado na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Pós-doutorado na Universidade de São Paulo. Doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestrado em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Graduação em Letras pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Professora de Literatura e Teatro na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.  elendemedeiros@hotmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/9882448569137338>  <https://orcid.org/0000-0003-1281-2092>

⁴ Graduanda em Teatro na UFMG. Bolsista de Iniciação Científica com a pesquisa “Acervo Sábato Magaldi: da inventariação à consolidação da memória teatral”, com bolsa da Rede de Museus/UFMG.

 anaclarapcmarques@gmail.com

 <http://lattes.cnpq.br/4132424098914791>  <https://orcid.org/0009-0000-3388-4488>



Sábato Magaldi collection, far beyond memory

Abstract

Sábato Magaldi, a Brazilian theater critic from Minas Gerais, played many roles in the theater, contributing extensively to the study, criticism and formation of theater. This article discusses the work of processing, inventorying and researching the Sábato Magaldi Collection, held by the UFMG Collection of Writers from Minas Gerais, and aims to discuss its processes and methodological bases. It aims to present some of the results obtained during the process of preparing, describing and inventorying his collection, as well as pointing out some reflections on the impact of this collection on theatrical historiography. To this end, it discusses the definition of a personal collection and the need for contextual practice when describing the archive.

Keywords: Personal collection. Sábato Magaldi. Theater history. Memory.

La colección Sábato Magaldi, más allá de la memoria

Resumen

Sábato Magaldi, crítico teatral brasileño de Minas Gerais, desempeñó múltiples funciones en el teatro, contribuyendo ampliamente a los estudios, la crítica y la formación teatrales. Este artículo aborda el trabajo de procesamiento, inventario e investigación de la Colección Sábato Magaldi, conservada en la Colección de Escritores de Minas Gerais de la UFMG, y pretende discutir sus procesos y bases metodológicas. Para ello, pretende presentar algunos de los resultados obtenidos durante el proceso de procesamiento, descripción e inventario de su colección, así como apuntar algunas reflexiones sobre el impacto de esta colección en la historiografía teatral. También se discute la definición de colección personal y la necesidad de una práctica contextual a la hora de describir el archivo.

Palabras clave: Colección personal. Sábato Magaldi. Historia del teatro. Memoria.

Acervo em foco

Em 2017, o acervo de Sábato Antônio Magaldi, crítico teatral belo horizontino, foi recebido para compor a coleção do Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais – um “lugar de memória’ [...] a ser vivido, construído e habitado”, segundo o pesquisador Reinaldo Marques (2008, p.105-106). Sendo o único acervo, até então, ligado à produção e à crítica teatral de tal conjunto, o Acervo Sábato Magaldi expande as possibilidades de informação, de pesquisa e de produção de conhecimento no campo teatral e historiográfico, além de permitir a preservação da memória do crítico e das histórias do teatro brasileiro e mundial, avidamente acompanhadas pelo mineiro em seus quase 50 anos de atividade.

Com um vasto volume de documentos (desde itens textuais, iconográficos até sua biblioteca pessoal), seu conjunto permite uma compreensão da diversidade do teatro, em particular do brasileiro, diante de construções sociais e políticas, além da própria história e contribuições do crítico, evidenciando sua relevância para os estudos teatrais do nosso período moderno. Diante de tal complexidade, há de se observar a importância do tratamento, da inventariação e da disponibilização do acervo ao público (geral e pesquisadores) e do estudo que envolvem tais tarefas. E é justamente no cruzamento dessas perspectivas, entre os estudos teatrais e a arquivologia, que se encontra o presente trabalho.

O processo de tratamento de seu acervo revela-se como um projeto de contínuo desenvolvimento, apresentando diversas etapas – que serão abordadas neste artigo –, minuciosamente pensadas, discutidas e constituídas a partir de seu conjunto documental. Buscam-se a preservação, a organização e a disponibilização do arquivo como memória e fonte de informações.

O arquivo pessoal – ou “acervo de pessoa”, como explica Ana Maria Camargo (2009, p. 28) – pode ser definido como um “conjunto de documentos produzidos, ou recebidos, e mantidos por uma pessoa física ao longo de sua vida e em decorrência de suas atividades e função social” (Oliveira, 2012, p. 33). Nele, estão contidos documentos de origens e formatos diversos, como pontua Heloísa Liberalli Bellotto (2006, p. 256):

[...] papéis ligados à vida familiar, civil, profissional e à produção política e/ou intelectual, científica, artística de estadistas, políticos, artistas, literatos, cientistas etc. Enfim, os papéis de qualquer cidadão que apresente interesse para a pesquisa histórica, trazendo dados sobre a vida cotidiana, social, religiosa, econômica, cultural do tempo em que viveu ou sobre a própria personalidade e comportamento.

Dessa forma, compreendemos os arquivos pessoais como o resultado da acumulação natural, orgânica e não intencional de documentos variados, ligados à produção cotidiana, às funções exercidas e às relações mantidas pelo titular. Ainda que os arquivos pessoais não sejam carregados com a artificialidade de uma coleção – “conjunto de documentos com características comuns, reunidos intencionalmente” (Arquivo Nacional, 2005, p. 52) –, tratados anteriormente de forma superficial como correlatos, como aponta Campos (2016, p. 105), reside em sua composição um certo grau de intencionalidade, uma vez que o titular, ao longo de sua trajetória, decide se desfazer ou manter determinados documentos, seguindo seus próprios critérios, suas vontades e sua organização. Vale ressaltar, ainda, a possibilidade de inserções de terceiros, muito comum nos casos de doações ou aquisições póstumas, a exemplo do que ocorre no acervo do crítico Sábato Magaldi.

A respeito deste detalhe, sobre a inserção de terceiros, podemos observar na constituição do acervo doado recortes de jornais e revistas, transcrições de discursos e cartas sobre o falecimento do crítico e em sua homenagem, provavelmente incorporados ao arquivo pela esposa de Magaldi, a escritora Edla van Steen. Tais inserções, como sugerem Britto e Corradi (2018, p.155), não deveriam compor o acervo do titular, e sim servir como um material de apoio para a pesquisa, devendo, antes, respeitar o limite em que “o alcance cronológico dos acervos pessoais não ultrapassa a vida do indivíduo” (Vidal apud Britto; Corradi, 2018, p.155).

Ainda que não exista a finalidade de gerar um acervo, a edição feita pelo titular em seu arquivo, selecionando aquilo que deseja guardar e suprimindo o que deseja omitir, rompe com a ideia de que o arquivo pessoal representa fielmente a vida da pessoa que o produziu. Ainda assim, como aponta José Francisco Guelfi Campos (2011, p.3):



Mais do que identificá-los como subprodutos derivados das atividades do titular do fundo, é possível reconhecê-los também como instrumentos que viabilizaram o exercício de suas atividades, dos papéis sociais desempenhados e dos relacionamentos por ele mantidos com outras pessoas ou instituições ao longo de sua vida.

O que temos, portanto, nos acervos pessoais não é o acesso à memória intacta do titular, mas o contato com seus fragmentos – da memória individual e coletiva. E são esses vestígios capazes de nos fornecer informações de sua vida, de pessoas a ele relacionadas, de seu grupo ou classe e da sociedade como um todo: um trabalho da arquivística apoiado na assimilação do contexto de produção, no recebimento e na manutenção dos documentos que compõem o acervo. Ocorre, a partir dessa articulação, uma espécie de “simbiose entre memória e arquivo”, tratada por Campos (2016, p.102) de forma crítica: com base nos registros podemos nos aproximar de uma reconstrução da história fragmentada, e é por meio da história em construção que podemos compreender seus restos documentais arquivados.

Se a história é (re)construída e passível de validação e revisão por meio de registros, a compreensão do teatro, arte marcada pela efemeridade, evidencia ainda mais a necessidade da constituição e da manutenção dos documentos e dos arquivos. É por meio de inscrições, por exemplo, que são identificados traços de teatralidade ainda no período “pré-histórico”, muito interligada ao ritual, bem como se compreende e se especula sobre o teatro jesuítico. A partir das anotações de viajantes e clérigos, é possível identificar a relação entre o teatro, as festividades religiosas, as procissões e a utilização de alegorias, fogo, efeitos visuais e sonoros, como aponta Carvalho (2015) a partir dos relatos do Padre Fernão Cardim. Os vestígios ainda permitem uma compreensão acerca da função social e política exercida pelo teatro, utilizado à época pelos jesuítas como mecanismo de materialização e reafirmação da fé e de costumes católicos, sendo um instrumento de catequização e apagamento da cultura originária. É justamente a partir da ausência de registros – à época da escrita do livro, podemos aventar – sobre o teatro realizado no Brasil durante o século XVII e parte do XVIII que nos deparamos com o que o próprio Sábato Magaldi nomeia como “vazio de dois

séculos”, em capítulo controverso⁵ de seu *Panorama do teatro brasileiro* (2004 [1962]).

Para o estreito entrelaçamento entre a história, o documento, seus dados e funções, temos, na metodologia seguida, a necessidade de uma abordagem contextual para a compreensão e trabalho de descrição e inventariação dos acervos pessoais. Além disso, optamos por uma expansão de um dos princípios da arquivística: a proveniência. Assim como exposto por Laura Agnes Millar, para a abordagem de um acervo pessoal, torna-se imprescindível uma concepção de proveniência ampliada – “respeito à proveniência” (Millar, 2015, p.159), abarcando não somente o contexto de criação do documento, sua procedência, como também a história do produtor (criação), a história dos arquivos (uso) e a história da arquivística (gestão).

A abordagem contextual, proposta por Ana Maria Camargo e citada em “Um salto no vazio?” (Campos, 2011, p. 4-5), permite uma descrição documental minuciosa e mais fiel às histórias do documento e do titular. Ao compreendermos a composição do documento, seu contexto de produção e a motivação para seu ingresso e permanência no acervo do titular, garantimos a preservação dos vínculos entre os itens, as atividades exercidas pelo titular e o produtor do documento e a organicidade do arquivo.

Tratamento e descrição do Acervo Sábato Magaldi

O acervo de Sábato Magaldi, objeto de nossa pesquisa e reflexão, como a escritora Edla van Steen aponta na apresentação do livro póstumo *Na plateia do mundo* (2017), seguiu as definições ampliadas de acervo pessoal: é o conjunto resultante da produção e do cotidiano de Sábato Magaldi – de seus encargos, vida doméstica, relacionamentos, atividades –, mantido seguindo os desejos e a organização particular do titular. Segundo Edla van Steen, se não fosse a sua

⁵ Pesquisas realizadas recentemente promovem uma revisão histórica do período, seja buscando compreender as teatralidades populares como manifestações importantes, seja trazendo a lume uma produção teatral fora do eixo cultural do qual Sábato fazia parte. Mariana Soutto Mayor (2015, p. 107) observa que “para o historiador interessa apenas a encenação dialogada baseada na veiculação cênica de um texto”, mas que “é importante olhar para o século XVIII pelo viés das manifestações cênicas para considerar que o teatro não está necessariamente atrelado à existência de uma dramaturgia, de atores profissionais ou espaços teatrais”.

pesquisa no arquivo da biblioteca Mário de Andrade para presentear o crítico com a publicação única de críticas nos jornais paulistas, até mesmo a edição de *Amor ao teatro* seria impossibilitada, uma vez que:

Sábato, pelo acúmulo de funções, durante um período, além de professor na ECA era procurador do INSS, assistia aos espetáculos para fazer a crítica quase diária no JT [Jornal da Tarde], não tinha a menor ordem nos assuntos pessoais [...]. Ele vivia rodeado de papéis e, às vezes, enlouquecia atrás de um documento ou de um livro [...]. E quando precisava consultar o arquivo que eu lhe dera, para escrever artigos longos, na pressa, ele se servia das críticas e jamais as devolvia ao arquivo (Van Steen, 2017, p.14).

Essa pluralidade de funções e grande dedicação à produção artística, crítica e acadêmica, apontada pela escritora e companheira do crítico, está bem representada no extenso e diverso arquivo de Magaldi. Como observamos anteriormente,

o acervo é composto pela biblioteca do crítico, manuscritos de críticas e de livros de sua autoria, manuscritos de peças originais enviados para apreciação, correspondência (passiva em sua maioria), fotografias de espetáculos e particulares, programas, anotações diversas, quadros, homenagens recebidas, escrivaninha, cadeira, fardão e a espada da Academia Brasileira de Letras (ABL) (Medeiros, 2017, p. 280).

Não bastasse o volume do seu acervo, observamos um ordenamento documental irregular, apresentando muitos documentos com temas relacionados, agrupados ou não, folhas soltas, rasuradas e, infelizmente, algumas em estado de deterioração avançado. Sendo assim, ao passo que o contato com o acervo de Magaldi se revela uma enorme oportunidade, o trabalho para seu tratamento e inventariação representa um grande desafio.

Seguindo a proposição de Campos (2011), o primeiro passo para o trabalho com um acervo pessoal é o estudo da trajetória e das obras do titular, bem como do universo que o circunda e que ele aborda. Para além do estudo sobre a vida de Sábato Magaldi, tornou-se fundamental o contato com algumas de suas publicações e a retomada do contexto histórico, em especial aquele do teatro brasileiro e da crítica moderna, já que, em grande medida, suas atividades estão relacionadas a este universo. Muito embora suas atividades críticas e de docência estejam estreitadas com a historiografia teatral, há de se observar que Magaldi

também desenvolveu atividades administrativas importantes, como secretário municipal de Cultura de São Paulo, e participou, ainda na juventude, da geração literária *Edifício*, de Belo Horizonte. O trânsito que ele estabelecia, assim, entre o teatro e outras atividades era intenso e de fundamental compreensão para a descrição dos documentos de seu acervo.

O processo arquivístico com o acervo tem algumas etapas. Em um primeiro momento, há o passo fundamental da higienização dos documentos, que, logo após, são acomodados em pastas e caixas adequadas a fim de garantir sua preservação e integridade. Passando para a fase da descrição documental, tem-se por base uma ficha de descrição documental unitária, em que são detalhados aspectos do documento com duas bases de leitura diferentes, mas complementares: a) as características do documento (tipo documental, aspectos gerais do documento); e b) contexto de sua produção. Com a descrição, finalmente, cada documento recebe um código específico que o identifica dentro do todo, sua notação. Todas essas informações alimentam a cronologia, que irá compor o inventário, e na qual finalmente se articulam evento, contexto e documentos relacionados.

Considerando-se a extensão e a diversidade do Acervo Sábato Magaldi, que abarca inúmeros tipos documentais, bem como inúmeras funções exercidas por ele ao longo de sua trajetória, que vão da crítica até a docência no país e no exterior, os glossários que respaldam a descrição documental necessitam constante atenção e atualização. Os glossários – de atividades e de documentos – são suportes, compostos por verbetes, que padronizam as descrições de identificação. Na composição destes glossários, elaborados conforme as especificidades do acervo, é fundamental evitar ao máximo generalizações e palavras extensivas, eventualmente faz-se necessário suprimir termos e alimentar novos que melhor descrevem o documento e as atividades realizadas pelo titular, de modo a garantir a organicidade do acervo e, ainda, facilitar a busca dos futuros pesquisadores.

A cronologia, preenchida *pari passu* às fichas documentais, traduz a trajetória do titular do arquivo. Os contextos descritos são associados à data de acontecimento e aos itens documentais relacionados, compondo uma tabela



cronológica que permite uma melhor visualização do arquivo como um todo. Tem-se, ao fim e ao cabo, um esboço da vida do titular a partir dos acontecimentos cronológicos evidenciados em seu acervo.

Amor ao teatro, sempre

Nascido em Belo Horizonte (MG) em 9 de maio de 1927, Sábato Magaldi foi um dos principais estudiosos da cena teatral brasileira, consolidando sua carreira de forma paralela à consolidação do teatro moderno brasileiro. Antes mesmo de completar sua graduação em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (1949), participou da fundação da Revista *Edifício*, em 1946, juntamente com importantes figuras mineiras, como Autran Dourado e Francisco Iglésias, a qual contou com colaborações de Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e Hélio Pellegrino – primo de Magaldi. Mudou-se para o Rio de Janeiro para trabalhar em departamento da administração pública dirigido por Cyro dos Anjos e, já no ano seguinte, tornou-se crítico teatral no *Diário Carioca* (RJ), onde permaneceu até 1953, enviando críticas teatrais sobre montagens europeias, uma vez que, em 1952, mudou-se para Paris para cursar Estética na Universidade Sorbonne.

Após o curso na universidade francesa, retornou ao Brasil para lecionar, a convite de Alfredo Mesquita, na Escola de Arte Dramática de São Paulo, a disciplina “História do teatro”. Posteriormente, em 1962, fundou no curso da Escola a disciplina “História do teatro brasileiro” – até aquele momento inexistente na nossa formação teatral. Ainda em 1953, por indicação de Décio de Almeida Prado, tornou-se crítico teatral do jornal *O Estado de São Paulo*, possuindo coluna própria no Suplemento Literário a partir de 1956. Também participou como redator de diversos veículos, como a revista *Teatro Brasileiro e Visão*, e como crítico no *Jornal da Tarde* – desde 1966, data da fundação do periódico, até a aposentadoria do crítico, em 1988.

Doutorou-se em 1972 com tese sobre o teatro de Oswald de Andrade, posteriormente editada como *Teatro da ruptura: Oswald de Andrade* (2004). Em 1970 transfere-se da EAD para a Escola de Comunicações e Artes da Universidade



de São Paulo (ECA-USP), onde prestou livre-docência com a tese *Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações*. Lecionou como professor convidado nas universidades Sorbonne e Aix-Provence, além de ter participado de diversas conferências, palestras, entrevistas e programas radialísticos e televisivos. Em 1997, inaugura no canal de TV Multishow, como entrevistador-apresentador, o programa *Primeira Pessoa* – o primeiro voltado para o teatro em horário nobre. Recebeu o Prêmio Jabuti de Teatro nos anos de 1963 e 1965 e o Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano de 1997.

Em dezembro de 1994, Sábato Magaldi é eleito para ocupar a 24ª cadeira na Academia Brasileira de Letras, anteriormente ocupada por Cyro dos Anjos, e toma posse em julho de 1995. Faleceu em 14 de julho de 2016, deixando conosco sua grande contribuição aos estudos do teatro brasileiro, que vai além de suas publicações e de sua atuação como professor universitário.

Esses eventos elencados, aqui organizados cronologicamente conforme a trajetória do crítico e em formato de biografia factual, estão representados no seu acervo a partir de uma vasta quantidade de documentos e itens que a eles se relacionam. Como exemplo, no caso das premiações, são identificadas cartas de cumprimentos, reportagens, fotografias, listas, discursos, seu memorial e os próprios prêmios e medalhas. Há, para além dos documentos que perscrutam suas atividades profissionais, outros que apontam para nuances da história do teatro brasileiro moderno, uma vez que seus principais movimentos foram acompanhados de perto por Magaldi.

Durante sua atuação como primeiro secretário municipal de Cultura de São Paulo, Magaldi foi responsável pela reforma de espaços teatrais, além de ter auxiliado na consolidação do Departamento de Informação e Documentação Artísticas (IDART) e estimulado pesquisas e publicações teatrais pela secretaria. Participou da Associação Paulista de Críticos Teatrais – inclusive como presidente –, da Comissão Municipal de Teatro, do Serviço Nacional de Teatro (SNT), como primeiro representante, e da fundação da Comissão Estadual de Teatro. O que almejamos destacar é que, além de lecionar e contribuir com o desenvolvimento do teatro, de sua teoria e crítica, Magaldi atuou em uma militância, lutando incansavelmente para o financiamento e para a liberação de textos e montagens

teatrais censurados pela ditadura militar.

Figura 1- Parecer de Sábato Magaldi sobre *O burguês fidalgo* para apoio da Comissão Estadual de Teatro (CET). Fonte: Acervo Sábato Magaldi/AEM/UFMG.

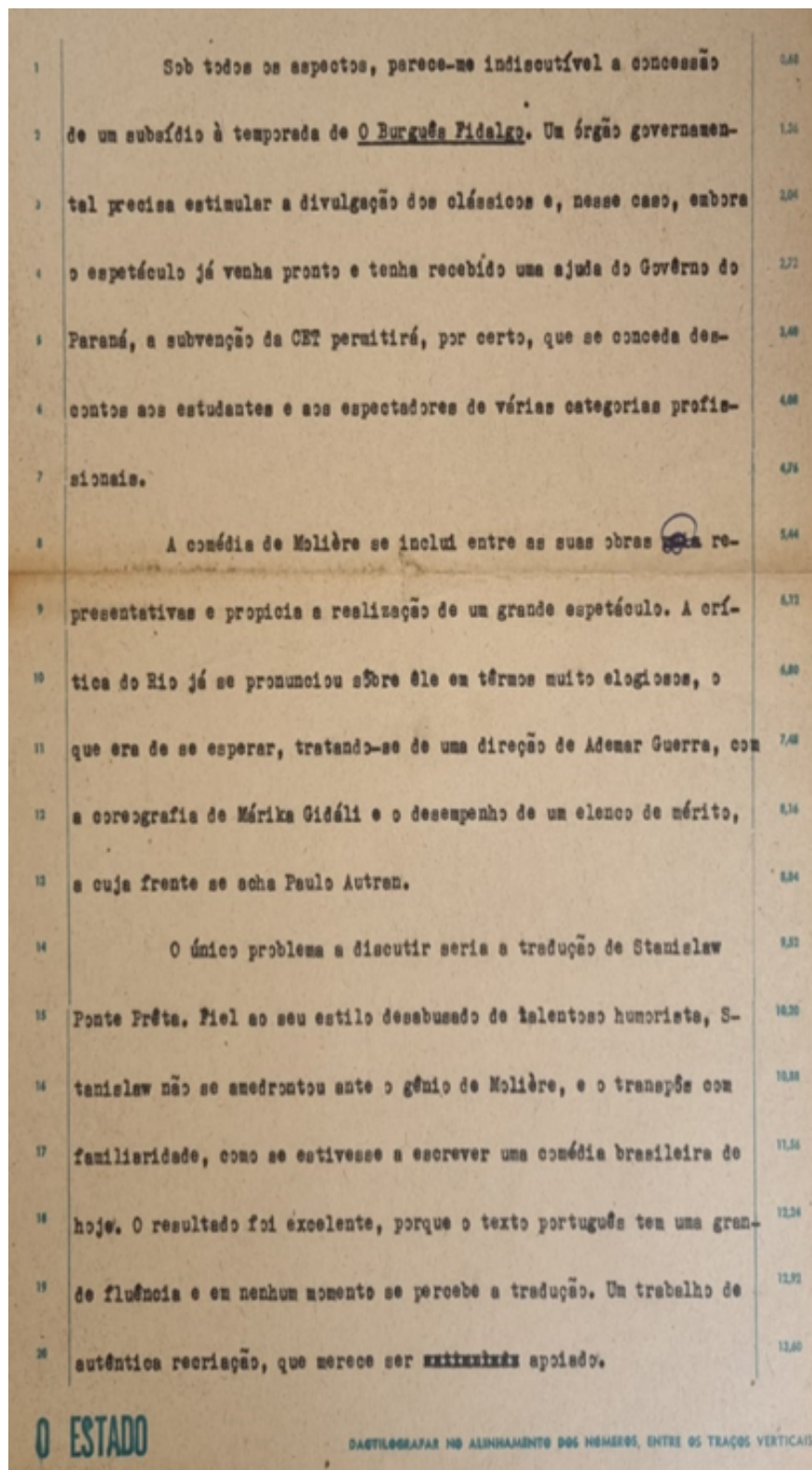
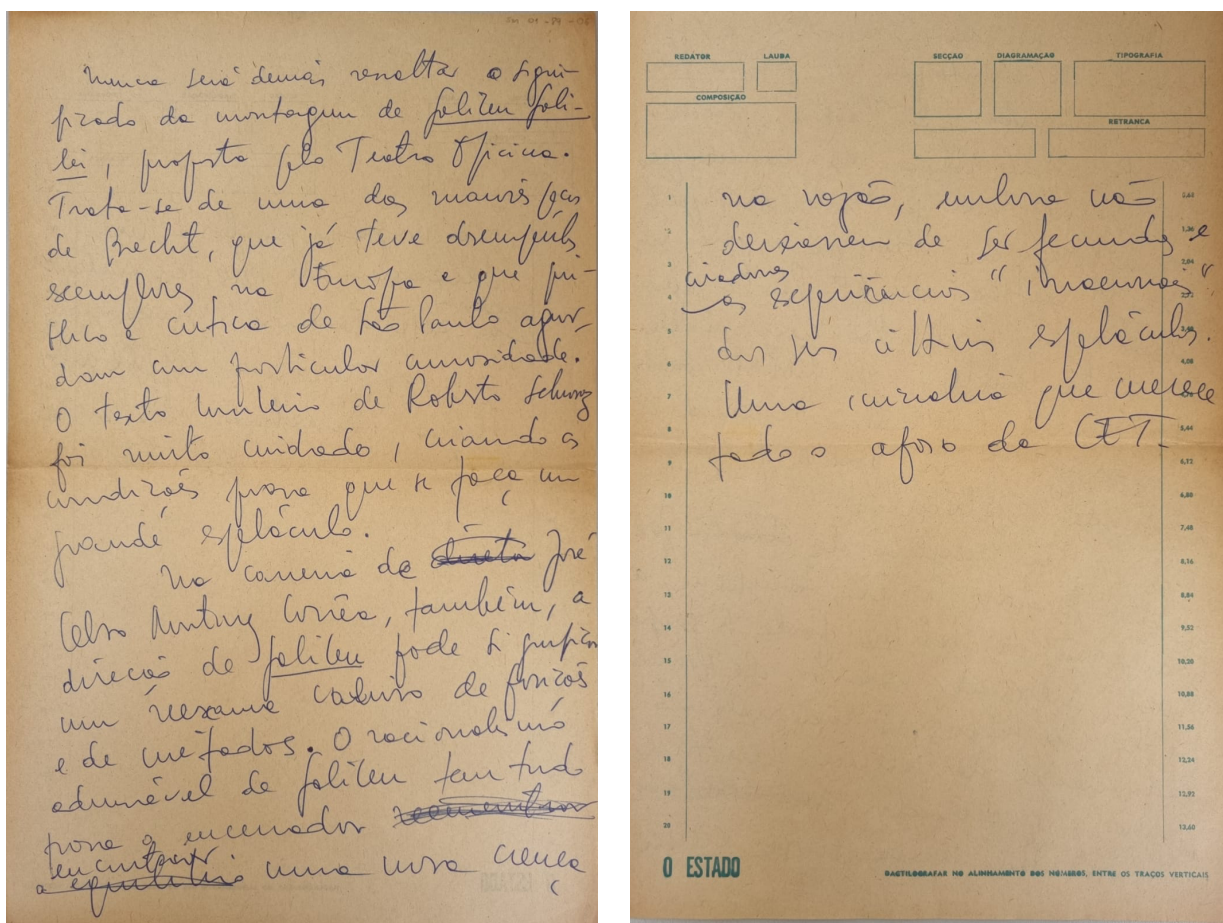


Figura 2 - Parecer de Sábato Magaldi sobre a peça *Galileu Galilei*, para apoio da Comissão Estadual de Teatro (CET). Fonte: Acervo Sábato Magaldi/AEM/UFMG.



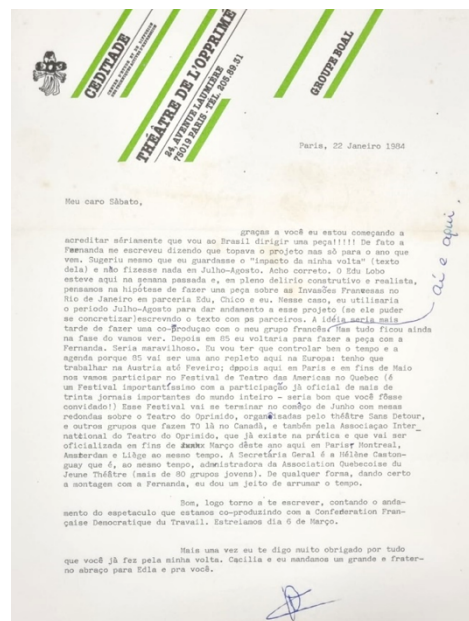
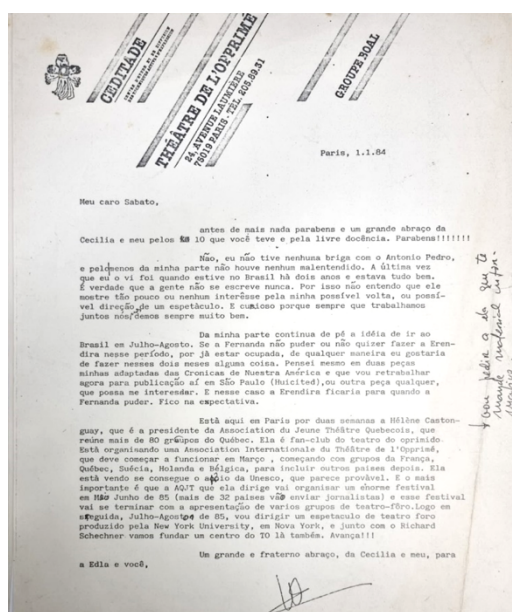
Nesse sentido, tendo em mãos a diversidade de tipos documentais com os quais nos deparamos no processo de tratamento, estamos diante de um acervo que permite o acesso a uma construção de memória não apenas individual, como também coletiva, evidenciando ainda mais a relevância do conjunto e de sua preservação. O período teatral entre 1964 e 1985 – definido em entrevista pelo crítico como vazio e de voz uníssona do teatro contra a ditadura – é bastante registrado em seu acervo por suas críticas teatrais, artigos e pareceres e, pela presença de documentos que apontam a ação do governo militar e de seus censores, as insatisfações e problemas enfrentados pelos artistas e, ainda, as estratégias encontradas para a manutenção das manifestações artísticas. É vasta a coleção de correspondências sobre esse contexto, com cartas de amigos e artistas censurados e/ou exilados.

É o caso, em relação à correspondência, de Consuelo de Castro, que

manifesta diversas vezes sua indignação com a censura de suas peças, inclusive aquelas premiadas. Em uma de suas cartas, a dramaturga convida o crítico para uma leitura dramática “clandestina” da peça proibida *A cidade impossível*, de Pedro Santana (1975) – inicialmente denominada *Acidente de trabalho*. Outro exemplo é de Augusto Boal: exilado em Paris, onde inaugurou e consolidou seu *Teatro do oprimido*, mantém uma assídua troca de cartas com Magaldi para atualizações de notícias de seus trabalhos, de sua visão do Brasil e do mundo.

Em certo momento, já em fase de redemocratização, como aponta uma carta, dentre outros assuntos, Boal comenta seu possível retorno ao Brasil, com grande desejo de dirigir a adaptação de *Cândida Eréndira*⁶, com Fernanda Montenegro no elenco. As cartas desse período são de peculiar interesse porque é quando, com apoio de Magaldi e de Fernanda Montenegro, além de outros artistas, Boal prepara seu retorno ao Brasil, após a montagem de *O corsário do rei*, em 1985, numa parceria com Edu Lobo e Chico Buarque. Inclusive, essa montagem começa a nascer de uma visita de Edu Lobo a Boal em Paris, como é possível ler na segunda missiva, datada de 22 de janeiro de 1984:

Figura 3 - Cartas de atualização de informações de Augusto Boal a Sábato Magaldi.
Fonte: Acervo Sábato Magaldi/ AEM/UFMG.



⁶ A peça, uma adaptação do conto *La increíble y triste historia de la cándida Eréndira y de su abuela desalmada*, de Gabriel García Márquez, teve uma montagem francesa em 1983, incentivada pelo Ministério da Cultura da França.



Entre tantos documentos, em seu acervo encontramos inúmeros registros que permitem um acesso à dimensão da redemocratização do país. São muitas as críticas escritas por Magaldi celebrando a abertura política e a possibilidade de crescimento do teatro e o aparecimento de novos dramaturgos, sem as sanções ditatoriais. Por exemplo, no recorte do jornal *O Estado de São Paulo*, com texto de Magaldi, em que comemora a nova temporada teatral em abertura inicial – e ainda incipiente – após o fim do Ato Institucional nº 5 (AI-5), em dezembro de 1978. Apesar de olhar com otimismo para a composição de uma cena teatral mais diversa e livre – em linguagem, temas e vozes –, Magaldi evidencia, em sua crítica, a permanência do descaso dos órgãos governamentais com a cultura (com falta de incentivo e de investimentos) e da perseguição política, apontando a proibição arbitrária de *Carnaval do povo*, espetáculo do Teatro Oficina, dirigido por José Celso Martinez Corrêa.

Figura 4 - Edição de crítica de Sábato Magaldi, “A nova era da dramaturgia, oficializada pelos ventos da abertura”, no jornal *O Estado de São Paulo*, em 29 de dezembro de 1979. Fonte: Acervo Sábato Magaldi/ AEM/UFMG



A nova era da dramaturgia, oficializada

Em 1978, foi possível reconhecer que, ao andar na direção de um teatro mais aberto, a imprensa não se limitou a registrar a abertura política, mas também a registrar a abertura teatral. Isso aconteceu quando ela surgiu tímida e encolada em colunas, pelo recorte de teatro de Maria Lenzi. Agora, Fabrice de Chazelles, de Mário Prata, fala da abertura com liberdade de expressão. Agora Fabrice de Chazelles, de Mário Prata, fala da abertura com liberdade de expressão. Agora Fabrice de Chazelles, de Mário Prata, fala da abertura com liberdade de expressão.

Oficializada pelos ventos da abertura.

Depois de comemorar 60 anos de palco, atravessando as diversas fases do nosso teatro, Procopio Ferreira faleceu em 1979, ainda como o mais representativo ator brasileiro. Poucos tiveram, como ele, a comunicação espontânea com o público. Outra partida foi a de Graciliano Ramos, um dos grandes escritores de renovação de nossos dias, e de espetáculo de fazer crítica no Rio, assumiu em Salvador a direção do Teatro Vila Velha, onde valorizou a linguagem popular do coral, até levá-lo ao Festival de Nancy.

Mariela Analdi, em *Sopro de Vida*.

Assimilaram-se várias estéticas promissoras. Algumas não podem ser julgadas reveladas, porque os autores já haviam exercido antes para o palco. Chamaram a atenção especialmente, Naim Alves de Souza, com *Um Natal e Gente Vem Te Buscar*, em que ficcionista cria uma atmosfera poética muito pessoal; Benê Rodrigues, cuja *Meia Sétima* revela uma penetração autêntica do submundo, e Jurea de Oliveira, que, além de ator, mostrou possuir verve cômica em *Bela Sociedade*.

Assimilaram-se várias estéticas promissoras. Algumas não podem ser julgadas reveladas, porque os autores já haviam exercido antes para o palco. Chamaram a atenção especialmente, Naim Alves de Souza, com *Um Natal e Gente Vem Te Buscar*, em que ficcionista cria uma atmosfera poética muito pessoal; Benê Rodrigues, cuja *Meia Sétima* revela uma penetração autêntica do submundo, e Jurea de Oliveira, que, além de ator, mostrou possuir verve cômica em *Bela Sociedade*.

Assimilaram-se várias estéticas promissoras. Algumas não podem ser julgadas reveladas, porque os autores já haviam exercido antes para o palco. Chamaram a atenção especialmente, Naim Alves de Souza, com *Um Natal e Gente Vem Te Buscar*, em que ficcionista cria uma atmosfera poética muito pessoal; Benê Rodrigues, cuja *Meia Sétima* revela uma penetração autêntica do submundo, e Jurea de Oliveira, que, além de ator, mostrou possuir verve cômica em *Bela Sociedade*.

Assimilaram-se várias estéticas promissoras. Algumas não podem ser julgadas reveladas, porque os autores já haviam exercido antes para o palco. Chamaram a atenção especialmente, Naim Alves de Souza, com *Um Natal e Gente Vem Te Buscar*, em que ficcionista cria uma atmosfera poética muito pessoal; Benê Rodrigues, cuja *Meia Sétima* revela uma penetração autêntica do submundo, e Jurea de Oliveira, que, além de ator, mostrou possuir verve cômica em *Bela Sociedade*.

Assimilaram-se várias estéticas promissoras. Algumas não podem ser julgadas reveladas, porque os autores já haviam exercido antes para o palco. Chamaram a atenção especialmente, Naim Alves de Souza, com *Um Natal e Gente Vem Te Buscar*, em que ficcionista cria uma atmosfera poética muito pessoal; Benê Rodrigues, cuja *Meia Sétima* revela uma penetração autêntica do submundo, e Jurea de Oliveira, que, além de ator, mostrou possuir verve cômica em *Bela Sociedade*.

Em entrevista a Marta Góes, Magaldi compreende a opinião crítica como um “diálogo com a sua impressão de espectador” (Góes, 1989, p.70). Por isso, defendia uma “democracia total” e o direito de o crítico teatral se equivocar. Nesse sentido, quando observamos os documentos que formam seu acervo e sua trajetória, vemos que ele expandiu a função da crítica: além de analisar montagens e textos teatrais, tarefas ordinárias do seu cotidiano como crítico, ele defendia a construção de políticas culturais, empenhou-se em tentativas de subsídios para as manifestações teatrais⁷, além de ter atuado no combate à censura, em favor da liberação de peças.

Por sua ramificada atuação, Sábato consolidou nomes em nosso cânone teatral, a exemplo de Plínio Marcos e Nelson Rodrigues, em intenso diálogo pessoal e crítico. Por outro lado, podemos levantar questionamentos acerca do apagamento de outros nomes. Como mostra outro trecho da entrevista citada, ele revela a prática comum de receber de autores e diretores os textos montados – o que justifica, ainda, a presença de tantos exemplares de dramaturgias encontradas em seu acervo.

Fico extremamente curioso até para ler o texto, antes da estreia. Cansei de ler textos. O Nelson Rodrigues quando escrevia uma peça mandava primeiro para mim. Tenho vários originais dele. Jorge Andrade, também. Mostrou-me oito versões de *Vereda da Salvação* (Magaldi apud Góes, 1989, p. 71).

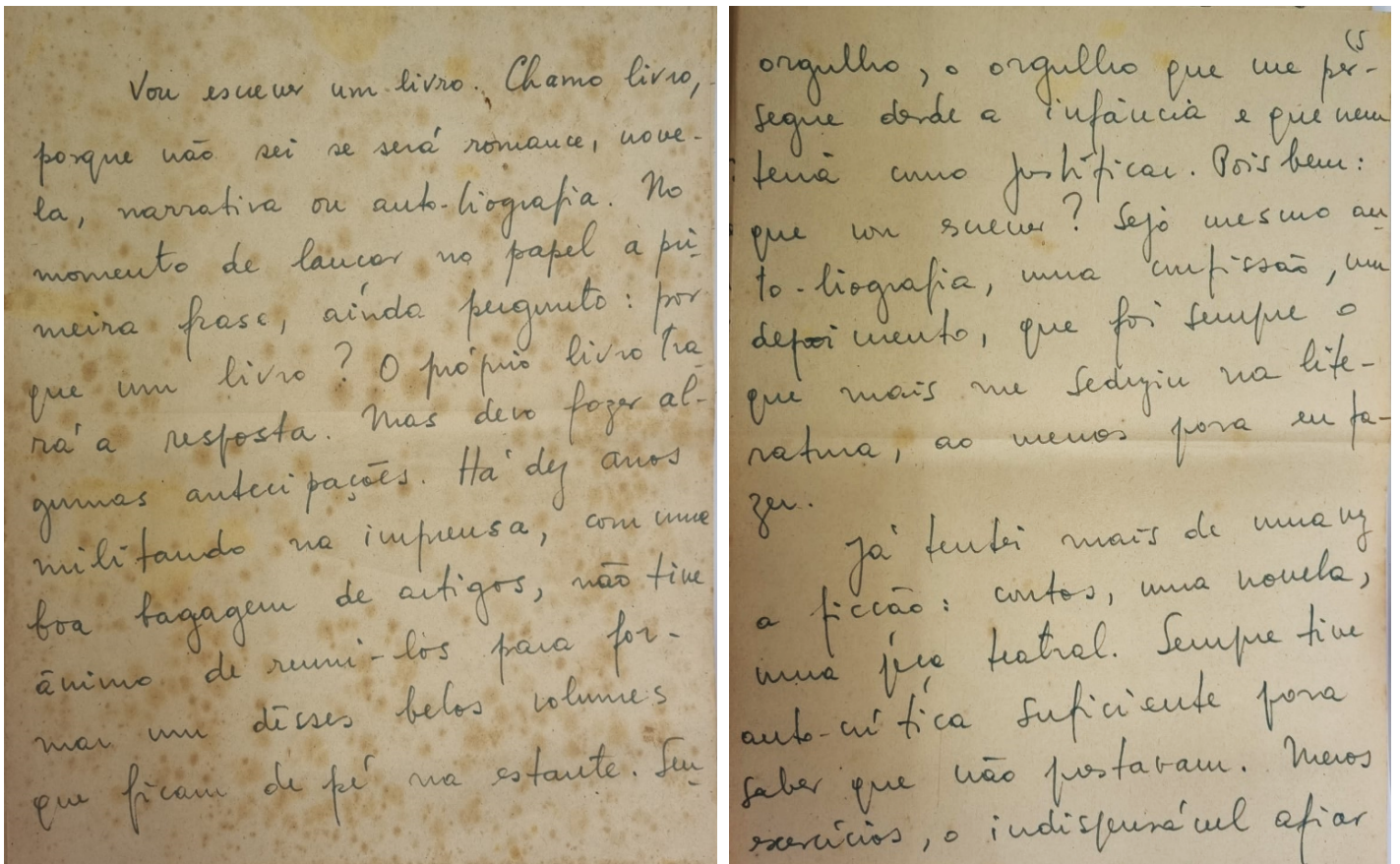
Por suas anotações e apontamentos nas cópias das peças enviadas por diversos autores do país inteiro, notamos que elas são remetidas ao crítico com pedidos de orientação ou apoio. Ou seja, além de sua atividade pública como crítico, por meio de publicações em periódicos, sua atuação é notada também no campo mais restrito, de relação direta entre autores e crítico, como um suporte ou como um norteador de perspectivas de escrita de dramaturgia.

Vale ressaltar, ainda, algumas ausências em seu acervo, já que, por mais que tenhamos um extenso volume de documentos, um acervo sempre será

⁷ Alguns documentos que compõem o acervo do crítico evidenciam uma participação ativa dele, no ano (presumido) de 1961, para que a CET (Comissão Estadual de Teatro) encetasse esforços para a recuperação de alguns espaços teatrais, dentre eles o TBC, com verba do Governo do Estado. Essa atuação está registrada no seu livro, escrito em parceria com Maria Thereza Vargas, *Cem anos de teatro em São Paulo*: “Forma-se imediatamente uma comissão, incumbida de examinar não só a situação do TBC mas de todo o teatro paulista” (2001, p. 224 e 241).

fragmentado. Há algumas ausências permanentes, a exemplo de seus cadernos de apontamentos e análises sobre os espetáculos assistidos, que eram utilizados para a formulação de suas críticas (inicialmente manuscritas, como verificado em seu acervo) e foram denominados pelo autor como “Crônica teatral”. São cerca de 48 diários, com 400 páginas cada, doados à Academia Brasileira de Letras, que poderão ser consultados apenas após 30 anos de seu falecimento – como observa Edla van Steen (Van Steen in Magaldi, 2017, p. 14) –, e que tiveram a sua publicação proibida por Magaldi ainda em vida. Para outras ausências ligeiramente notadas, ainda reside certa esperança de que, no decorrer de nossos trabalhos de higienização, descrição e pesquisa, as revertamos. É o caso da peça teatral “Os solitários”, escrita por Sábato e nunca publicada, citada em entrevistas e documentos contidos em seu acervo.

Figura 5 - Um rascunho íntimo de Magaldi sobre o desejo da escrita.
Fonte: Acervo Sábato Magaldi/ AEM/UFMG.



Considerações finais

Há um imenso campo ainda a ser redescoberto da nossa historiografia teatral. Se considerarmos que Sábato Magaldi esteve lado a lado no processo de modernização de nosso teatro, acolhendo e elaborando perspectivas diversas para a arte e para os artistas, trazer a lume seu acervo é dar continuidade a esse movimento. Nesse sentido, faz parte do objetivo deste trabalho – de tratar e inventariar acervo tão rico e sensível montado por ele ainda em vida, compondo-se como memória concreta – possibilitar o acesso à sua documentação e, por meio de escavações e lapidações, a uma reconstrução do passado, contribuindo com pesquisas do tempo presente, que reverberarão no futuro.

Destacamos neste texto, além do processo arquivístico – em diálogo intrínseco e complexo com a história do teatro –, que a pesquisa de um acervo teatral como o de Magaldi pode apontar para detalhes, fissuras e vazios historiográficos. Com cerca de 92 caixas devidamente higienizadas e acomodadas e centenas de documentos descritos, o trabalho no Acervo Sábato Magaldi progride respeitando não apenas o arquivo, mas igualmente sua história, a memória e as produções do crítico mineiro. Seguindo uma metodologia delineada conforme as características do acervo pessoal, os fundamentos do trabalho respeitam os princípios da arquivística, construindo-se justamente a partir dos fatos e dados da história do teatro, na expectativa de que, de forma dialética, seja possível olhar para o passado no anseio de voltar-se para o futuro. Temos, no entanto, a consciência de que esse passado é sempre *parte dele*, já que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele de fato foi’” (Benjamin, 2012, p. 243).

Referências

ARQUIVO NACIONAL. *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Paulo Sérgio Rouanet. 8ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRITTO, A. C. L.; CORRADI, A. Considerações teóricas e conceituais sobre arquivos pessoais. *PontodeAcesso, [S. l.]*, v. 11, n. 3, p. 148–169, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/22745>. Acesso em: 27 abr. 2023.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 45, p. 26–39, 2009.

CAMPOS, José Francisco Guelfi. Arquivos e memória: elementos para o debate sobre uma relação controversa. *Escrita da História, [S. l.]*, n. 4, p. 100–119, 2016. Disponível em: <https://www.escritadahistoria.com/index.php/reh/article/view/39>. Acesso em: 27 abr. 2023.

CAMPOS, José Francisco Guelfi. Um salto no vazio? Considerações iniciais sobre a organização e representação de arquivos pessoais. *Seminário em Ciência da Informação*, vol. 4, 2011. Anais do 4. SECIN. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011.

CARVALHO, Sérgio de. Teatro e sociedade no Brasil colônia: a cena jesuítica do Auto de São Lourenço. *Sala Preta*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 6–53, 2015. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v15i1p6-53. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/97454>. Acesso em: 16 out. 2023.

GÓES, Marta. O fã mais consagrado do teatro brasileiro. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 26 ago. 1989. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19890826-35129-nac-0070-cd2-40-not>. Acesso em: 27 abr. 2023.

MEDEIROS, Elen de. Acervo Sábato Magaldi: contribuições para a história e a crítica teatrais brasileiras. *Sala Preta*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 277–288, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/138364>. Acesso em: 15 mar. 2024.

MILLAR, Laura Agnes. A. A morte dos fundos e a ressurreição da proveniência: o contexto arquivístico no espaço e no tempo. *Informação Arquivística*, v. 4, n. 1, p. 144–162, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41789>. Acesso em: 27 abr. 2023.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do teatro brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Global, 2004.

MAGALDI, Sábato; VARGAS, Maria Thereza. *Cem anos de teatro em São Paulo (1875-1974)*. 2. ed. São Paulo: Editora SESC, 2001.

MARQUES, Reinaldo. Memória literária arquivada. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S. l.]*, v. 18, n.2, p.105-119, 2008. DOI: 10.17851/2317-2096.18.2.105-119. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18210>. Acesso em: 27 abr. 2023.



OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso de. *Descrição e pesquisa: reflexões em torno dos arquivos pessoais*. Rio de Janeiro: Móbile Editorial, 2012.

SOUTTO MAYOR, Mariana. O teatro do século XVIII no Brasil: das festas públicas às casas de ópera. *Revista Aspás*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 103–110, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/102335>. Acesso em: 15 mar. 2024.

VAN STEEN, Edla. Sábato por Edla. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], n. 68, p. 259–265, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/141542>. Acesso em: 31 ago. 2023.

VAN STEEN, Edla. Introdução. In: MAGALDI, Sábato. *Na plateia do mundo*. São Paulo: Global, 2017. p. 13-17.

Recebido em: 08/09/2023

Aprovado em: 22/03/2024